

Apresentação: Pode ser de palavras, uma ponte

Felipe Gustsack

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil

Ângela Fronckowiak

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil

Gislaine Marins

Università degli Studi Internazionali di Roma – UNINT – Itália



Do nascimento à velhice, pensamos unicamente em resposta ao que nos foi lançado por outros, ainda mais quando desconfiamos de que eles sabem de alguma coisa, um segredo, ao qual não temos acesso. Sem o outro, não existe sujeito. Em outras palavras, o gesto da partilha ou da troca, a relação, está na origem mesma da interioridade, que não é um poço onde se mergulha, mas que se constitui entre dois, a partir de um movimento em direção ao outro. Está na origem mesma da identidade (se é que esta existe, o que pode ser discutido), que se constitui em um movimento centrífugo e centrípeto, em um impulso em direção ao outro, um desarraigamento de si, uma curiosidade – uma vontade também, por vezes feroz. Na origem mesma da cultura (Petit, 2010, p. 51)¹.

Partimos para organizar (e agora, aqui, apresentar) esta 50ª edição da revista Signo, envolvendo os Estudos de Mediação em Leitura, a qual, em conjunto com outros dois volumes – Estudos Literários e Midiáticos e Estudos Linguísticos e de Cognição – é comemorativa da trajetória exitosa desse periódico, também no ano em que o Programa de Pós-Graduação em Letras festeja seus 20 anos de dedicação à pesquisa na UNISC. Da invenção de percursos possíveis entre as linhas tênues de nossas agendas cotidianas, engendramos a forma para dar-lhes existência nos entremeios de um estranho paradoxo que vem tipificando os nossos tempos: quanto mais finas as linhas da agenda, mais densas as nossas horas de docência e vida privada. Quando conseguimos moldar percursos novos em meio a todas as outras urgências é como se tivéssemos construído uma ponte, coincidentemente imagem simbólica dos processos da mediação em leitura.

E, aqui estamos convidando a ler, em um tempo que se caracteriza também por emergências complexas. Por exemplo, como compreender que ao vivermos um momento histórico em que as ações de escrever e ler alcançam o campo aberto, quase infinito (e um tanto desconhecido), das multimodalidades comunicativas enquanto a taxa de analfabetismo funcional no Brasil permanece estagnada nos últimos seis anos? Seguindo essa lógica, como estamos vivendo e compreendendo a presença da Inteligência Artificial em nossos processos de leitura e escrita de textos diversos e de nossos diálogos com o mundo? Sim, nosso convite a ler envolve o deleite da invenção das pontes, de compreender como essas palavras e sentidos as podem constituir. Ao ler estamos sempre no prazer e na provocação por conhecer, sejam dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) 2024², sejam as preocupações de entidades

¹ PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. 2.ed. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

² A taxa de analfabetismo funcional no Brasil se mantém em 29% de 2018 até 2024, na população entre 15 e 64 anos. Este estudo foi realizado pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM) em parceria com a Ação Educativa. Os resultados da edição de 2024, que avaliou as

como a UNESCO, por exemplo, quanto aos impactos da presença da Inteligência Artificial em nosso cotidiano envolvendo com ações de escrita, leitura e educação³.

É do senso comum a ideia de que a leitura é uma travessia. Ler é uma espécie de movimento de ida e volta entre mundos, vozes e silêncios; entre aquilo que já sabemos e o que ainda nos escapa. E, como toda travessia, exige pontes: estruturas que apresentam caminhos aonde não existiam, que sustentam o encontro entre um e outro lado dos rios, das montanhas, dos horizontes, que convidam ao passo, ao passeio, à passagem.

Assim, as leituras vão se configurando como bilhetes de passagem de um olhar para outro, de um pensamento para outro, de um sujeito para seu outro si mesmo e assim para o próprio entendimento do mundo. Nessa perspectiva, ousamos afirmar que não há leitura que não implique um certo grau de mediação. Algo que também buscamos fazer através dessa convers(a)ção, concordante à etimologia latina do verbo conversar, que se volta com atenção genuína aos textos, com eles mantendo a proximidade necessária para não apenas apresentá-los, mas escutá-los em intimidade e fruição, pois as leituras abrem espaços, além de alterar aqueles - às vezes muito sufocantes - em que existimos. Com Petit (2010, p.32), vemos que a contribuição da leitura extrapola o deleite. Em alguns contextos críticos, ela é porta de entrada:

Tudo começa [...] com situações gratificantes de intersubjetividade, encontros personalizados, uma recepção, uma hospitalidade. A partir daí, as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de um sujeito. [...] ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais. Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora.

Então, queremos aqui falar do que você vai encontrar nos artigos e na resenha publicada nesta edição, mas também aproveitar essa oportunidade para reavivar em nossos pensamentos algumas das compreensões mais comuns sobre as diferentes leituras. Afinal, independentemente do tipo de texto - de leitura - que realizamos, ler é sempre uma ação criativa e criadora de sentidos, de maneira que a diversidade de suas características torna mais poderosa e transformadora a experiência de quem lê. A ideia é a de que consigamos nos encontrar enquanto participantes de uma comunidade - a acadêmica - para a qual a leitura é, inquestionavelmente, uma necessidade, mas que esse encontro supere a mera formalidade da nossa embrutecida vida de produção escrita. Há, nos textos oferecidos à nossa leitura nessa edição, uma oportunidade para ensaiarmos "ter um olhar distanciado de nossa realidade imediata, de encontrar diferenças para nos questionar, ou semelhanças, ecos de nossas próprias experiências" (Petit, 2010, p.31).

Em nosso dia a dia, seja como cidadãos comuns que vivem suas vidas possíveis nesta rede biosférica, seja na condição específica de professoras/es leitoras/es, também somos estudantes dessa arte que tecnicamente a tradição de estudos costuma definir e diferenciar

habilidades de leitura, escrita e matemática, foram divulgados em maio de 2025. Referência: UNICEF, 2025, disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/analfabetismo-funcional-nao-apresenta-melhora-e-alcanca-29-por-cento-dos-brasileiros-mesmo-patamar-de-2018-aponta-novo-levantamento-do-inaf>.

³ Segundo a UNESCO, a criação de um Observatório de IA na educação pode ser uma plataforma para o compartilhamento de conhecimento e aprendizado entre pares. Esse observatório, com forte ênfase em países em desenvolvimento, ajudaria a aumentar o diálogo baseado em evidências entre os tomadores de decisão, ao analisar iniciativas relevantes de IA na educação e fornecer informações para planos estratégicos nacionais e internacionais de IA. Referência: Artificial Intelligence in Education: Challenges and Opportunities for Sustainable Development. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366994?posInSet=1&queryId=4ca0809c-22a7-479c-9846-131325899a78>.

como leitura literal, inferencial, acadêmica, literária, técnica, criativa, silenciosa, em voz alta, e mais recentemente também se mapeiam diferenças entre digital e impressa. Essa classificação dos diferentes tipos de texto é científica e pedagogicamente importante, mas vale lembrar que a ação de ler, em si, não se processa com tais lógicas de diferenciações e inclusive mistura essas classificações de maneira que uma passa por outra e vai seguindo, na maioria das vezes, o critério humano do prazer e da necessidade.

Em outras palavras, os diferentes tipos de textos não são classificações categóricas mutuamente exclusivas, mas dimensões que implicam modos de leitura, processos que se complementam em variados graus, cada um com seus próprios objetivos e exigências cognitivas, cada um dependente da presença inquestionável de leitores. Assim, da mesma maneira que importa afirmar a complementaridade entre tipos e modos de textos e leituras para a formação de um leitor proficiente e versátil, é crucial insistir na necessidade concreta desse leitor, que compõem verdadeiramente parte significativa dos sentidos dos textos. O leitor, aquele que, como nos mostra metaforicamente Marina Colasanti (2012)⁴, desbastadas as leituras – todas e de todos os tipos – realizadas ao longo do bloco de mármore de sua (dele) existência, chegaria à grotesca condição de algo que nunca existiu.

É claro que alardeamos a crise da leitura – somos a civilização das crises que se sobrepõem umas às outras desde o princípio daquilo que concebemos como humanidade – porém, os diferentes espaços sem linhas de fuga que sempre caracterizaram, caracterizam e caracterizarão as sociedades “sem futuro”, abrem-se entre as linhas das palavras ditas, ouvidas e escritas sobretudo como oportunidades. As nossas leituras e as dos outros nos deixam respirar, desobstruem o contato, ampliam as percepções, possibilitam traçar elos entre episódios insólitos, aparentemente destituídos de sentido, dando-lhes alguma coerência e significação. A ação de ler congrega, une, desloca para em seguida ordenar, acolhe e nos reafirma capazes de vínculo.

É com essa metáfora da ponte, constituída pelas diferentes perspectivas que animam nossas leituras, que desejamos seja compreendida essa 50ª edição da revista Signo. Enquanto organizadores e por isso mesmo primeiras pessoas que leram os textos aqui publicados, destacamos o fato de que as pesquisas reunidas são provocações que sustentam essa grande e significativa ponte. A ponte da Mediação em Leitura que é um espaço construído pela linguagem, pelo diálogo e pelo gesto pedagógico de quem lê para compreender, mas também para levar a compreensões possíveis, para conversar e transformar.

Cada um dos textos que compõem a presente edição trata, de diferentes formas, da experiência de ler, da interação entre leitores e textos, dos caminhos que a palavra percorre até se tornar compreensão, daquilo que fazemos com as palavras quando particularizamos compreensões através de chaves interpretativas sempre carregadas de subjetividades. São investigações que nos lembram que ler nunca é um ato isolado; pelo contrário, é sempre um fenômeno coletivo, mediado por professores, por comunidades, por objetos e práticas que ampliam o olhar e reconfiguram sentidos. Sentidos estes que procuramos delinear nos curtos parágrafos que seguem, intuindo possibilidades de pensamento a partir das ideias centrais de cada uma das contribuições publicadas.

⁴ COLASANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Então, prepare-se para ser provocada/o pela experiência da leitura na formação de crianças e pré-adolescentes, seguindo a publicação **Das salas da universidade para as salas da escola pública: um ensaio sobre experiências leitoras**, de Jéssica Taiara Kottwitz. O texto abre a edição por configurar-se como potente convite à reflexão sobre a educação leitora, na medida em que penetramos nas veredas da mediação percorrendo um caminho – originalmente trilhado pela autora – em que a professora não só apresenta percursos e possibilidades imaginárias, mas também é modificada nesse trajeto, alterando rotas a partir da interação que consegue propor como docente na educação básica. Depois de ter produzido uma dissertação de mestrado acerca de vivências de mediação com crianças, o estilo ensaístico da autora aproxima-nos do tema da importância do aprender a ler como garantia do direito inalienável à educação, ao mesmo tempo em que confronta o necessário processo de tornar-se leitora de sua ação pedagógica no momento em que propõe a mediação.

O segundo texto dessa edição, **Práticas de mediação literária na educação infantil**, de Ilsa do Carmo Vieira Goulart e Larissa Carvalho Costa, explora com delicadeza e profundidade a construção do leitor desde a infância, ressaltando o valor inestimável do convívio com a ficção no panorama comunitário e pedagógico da primeira infância. O estudo analisa as dinâmicas de facilitação que educadores implementam com textos em prosa e verso, discernindo a concepção e desdobramento dessas atividades em centros de ensino. Para isso, a investigação qualitativa utilizou observação atenta e diários de campo com registros das interações e intervenções de educadoras, fazendo a discussão dos dados pelo diálogo com estudos de Bajour (2012), Colomer (2003, 2007, 2016), Cerrillo (2006) e Petit (2009), entre outros. A partir dessa imersão reflexiva nas condutas em sala de aula, o estudo aponta que a mediação literária transcende a mera apresentação de obras, configurando-se como um fluxo dinâmico de símbolos e sentidos que fomenta o pensamento criterioso e impulsiona conversações sobre os múltiplos temas, personagens e contextos das narrativas. Essa condução qualificada está intrinsecamente ligada à sensibilidade na seleção dos títulos, à intencionalidade nas indagações que guiam a compreensão textual e à perspicácia das intervenções que abraçam e expandem as respostas e percepções dos pequenos, ampliando as possibilidades que o encontro com a literatura oferece para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Por sua vez, o artigo **A leitura nos prescritos da BNCC: análise e reflexões dentro das habilidades de Língua Portuguesa, no ensino médio**, de Francisca Bernardy e Juliana Jacques, investiga como a educação formal tem concebido o encontro com a palavra escrita, imerso nas intrincadas teias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). As autoras desdobram uma análise minuciosa sobre a abordagem da leitura no componente curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, projetando atenção sobre os três objetivos fundamentais de Antunes (2003): leitura para aquisição de informações, fruição do prazer estético e compreensão dos gêneros textuais e normas gramaticais. O estudo, pautado em rigorosa análise documental das habilidades prescritas na BNCC, revela que no universo do ensino formal a leitura é, por vezes, enclausurada em sua função instrumental, transmutando-se em um meio para a obtenção de conhecimentos específicos em sala de aula. Assim, as autoras destacam a dicotomia na qual a leitura por prazer parece ser relegada aos domínios do extracurricular, como se a alegria intrínseca ao texto não pudesse habitar os muros da escola. Ao apresentarem essa reflexão, elas fazem ecoar uma verdade contundente: embora a BNCC

abrace a leitura em seus preceitos, essa aceitação se manifesta com lacunas, as quais são perceptíveis na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024). Isso convoca não apenas à reflexão, mas à ação, incentivando novos estudos para desbravar os múltiplos e vastos contextos nos quais a leitura, em sua plenitude, floresce e se manifesta, transcendendo os limites do currículo e habitando os inumeráveis territórios da experiência humana. O texto se constitui, por essas ideias, como um testemunho da potência do letramento literário e de re-existência da discussão de gênero na escola, com práticas que revelam como textos literários podem instigar debates importantes para a formação de uma cultura social mais humana e feliz.

Depois, venha refletir a respeito de alguns recursos para combater a desordem informacional de muitas de nossas narrativas sociais com o artigo **A literacia como ferramenta no combate a fake news: promovendo o pensamento crítico em estudantes do ensino médio**, de Pâmela Roman e Kári Lúcia Forneck. As autoras compartilham pesquisa quali-quantitativa, em que – após responderem a um instrumento avaliativo – os alunos do ensino médio foram separados em um grupo experimental (1º ano), que participou de intervenção didática, e outro grupo de controle (2ºano). No transcurso de cinco oficinas, explorando a formação do pensamento crítico, os estudantes, ainda que tenham mostrado dificuldades no reconhecimento de *fake news*, corroboraram a certeza de que foram influenciados positivamente na decisão sobre o compartilhamento da notícia. Tal fato indica que as oficinas possam contribuir para o amadurecimento leitor nesse mundo dominado pela cultura da desinformação.

Ainda no contexto do ensino médio, explore **Letramento literário e de re-existência: a discussão de gênero na escola**, de Kleber Ferreira Costa, artigo que se debruça sobre as práticas de letramento literário efetivadas nos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência contra a Mulher (NEG) em escolas públicas estaduais de Pernambuco. Com a intencionalidade de identificar quais são essas práticas e como se efetivam, o estudo qualitativo fundamentou-se com pesquisas de campo que levantaram os dados através de formulários, entrevistas semiestruturadas e grupo focal, ancoradas nos documentos normativos para o ensino da literatura: BNCC, currículo proposto no estado de Pernambuco e a legislação sobre os NEG. Como pano de fundo, a pesquisa tomou por base concepções de ensino de literatura discutidas por Antonio Candido e Rildo Cosson, além de expor aspectos teóricos relacionados aos estudos de gênero. Concluindo, o autor salienta que o compartilhamento dos textos literários é contorno comum nos NEG, buscando, através da leitura literária, a representação social com temas vinculados ao gênero, à violência contra a mulher e aos Direitos Humanos.

Refleta sobre as percepções docentes acerca da mediação pedagógica da leitura, desvendando os desafios e possibilidades que permeiam a sala de aula e a necessidade de uma formação mais sistematizada e reflexiva para os educadores através do artigo **Percepções docentes sobre a mediação pedagógica da leitura: desafios e possibilidades**, de Danielle Weslaine Martimiano, Helena Maria Ferreira e Jaciluz Dias Fonseca. O estudo que o fundamentou se cindiu em pesquisa bibliográfica – contemplando procedimentos didáticos para o ensino da leitura em sala de aula, com enfoque voltado para a concepção de mediação pedagógica da leitura – e, ainda, pesquisa de campo, desenvolvida a partir de um questionário aplicado a professores de escolas de educação básica, com o

propósito de analisar seus conhecimentos acerca das práticas de mediação. A contribuição da pesquisa às premissas da formação de professores aponta para uma significativa inadequação sistematizada e reflexiva da abordagem da mediação da leitura no contexto escolar, principalmente em relação aos textos multissemióticos. Em linhas concisas, o estudo destaca, principalmente, a necessidade de abordar estratégias metodológicas que fortaleçam, nos futuros e atuais professores, uma ativa compreensão responsiva acerca da leitura.

Na sequência dessa leitura (em)caminhada, que se orienta em todas as direções possíveis para garantir que a transmissão cultural se realize com sensibilidade e compromisso cidadão, não deixe de conhecer o artigo **Mediação de leitura no programa BALE: uma proposta para formação e autoformação de leitores**, de Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra e Diana Maria Leite Lopes Saldanha. O objetivo do texto é compartilhar a experiência de mediação efetivada no âmbito do Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), enquanto ação extensionista que encanta a medi(a)ção através da literatura. O texto se desenvolve como trabalho de cunho bibliográfico, voltado para o debate das categorias teóricas que embasam o tema da mediação, ao mesmo tempo em que apresenta uma estrutura prática para a formação de leitores a partir dos pressupostos trabalhados ao longo das várias edições do BALE. Através das atividades desenvolvidas no espaço do Programa, é possível percebê-lo como mais uma opção profícua de formar leitores, necessidade tão relevante em nossa sociedade.

E, para além dos muros da escola regular, essa edição o convida a explorar a leitura em livros didáticos destinados ao PBLAc (Português Brasileiro como Língua de Acolhimento), destacando como a decodificação se expande para a interação social em um processo de apropriação linguística e cultural. A pesquisa, exposta no artigo **Compreender e interpretar para (inter)agir: a leitura em livros didáticos de Português Brasileiro como Língua de Acolhimento**, de Rodrigo Albuquerque e Isabel Cristina Moitinho Peixoto, embasou-se na análise de duas tarefas do livro *Pode Entrar* (Oliveira *et al.*, 2015), obra destinada a estudantes do referido programa, tendo como princípio, no âmbito teórico, circunstanciar a leitura sob os domínios grafo-fonêmico, semântico-cognitivo e pragmático-discursivo (respectivamente capacidades de decodificação, estratégias de leitura e seu uso nas práticas sociais). O problema investigado foi a recorrente tendência de que, no âmbito metodológico, tarefas instanciadas nos domínios semântico-cognitivos sejam predominantes em livros didáticos, em especial, estratégias de localizar informações e de produzir inferências locais. O estudo possibilitou registrar que cada texto analisado se abre aos três domínios, englobando as dimensões do texto, da prática discursiva e da prática social, o que sinaliza a importância de o/a docente ampliar suas estratégias e, a um só tempo, propor questões que tragam uma incursão pragmático-discursiva.

Dando continuidade à assimetria bem-vinda de nossas rotas, vamos refletir sobre os círculos de leitura, metodologia pedagógica que transforma a experiência leitora em um processo dialógico e coletivo. Em **Círculos de leitura em ambientes prisionais: teoria, prática e desafios**, de Pedro Henrique Elias de Albuquerque, você vai ter a oportunidade de vislumbrar sua ocorrência em ambientes prisionais, movimento que, apesar dos desafios impostos pelo sistema, emerge como um espaço de resistência e transformação, promovendo a formação crítica e humanizadora em contextos de privação de liberdade. O autor argumenta que, no entanto, sua implementação enfrenta desafios significativos, que vão desde a censura

na seleção de obras literárias até restrições estruturais e institucionais, dificultando o acesso efetivo à literatura. Além disso, muitas vezes, a leitura no cárcere é tratada de forma instrumental, reduzindo-se a um requisito burocrático para a remição de pena, sem garantir um envolvimento real dos internos com os textos. Contudo, apesar dos entraves impostos pelo sistema prisional, os círculos permanecem como um espaço de resistência e transformação, proporcionando aos privados de liberdade um meio de reflexão, construção de significados e ressignificação positiva de suas trajetórias.

E, na cadência dessa jornada, a resenha publicada se revela um portal, um convite a outros universos de pensamento, um mapa para tesouros de infindos encontros. A leitura da obra de Cecília Bajour, ***Cartografias dos encontros: literatura, silêncio e mediação***, realizada por Sabrina da Paixão Bresio, é oferecida em uma perspectiva crítica sobre o papel da imaginação, do silêncio e da ficção na mediação da leitura. É um diálogo que se inicia, um convite à reflexão sobre a obra em questão, e um estímulo para que você siga seus próprios caminhos da compreensão.

Enfim, cada estudo é um convite a explorar, a conectar ideias aparentemente díspares, a desvendar as nuances de temas que ressoam com a contemporaneidade e com a perenidade do humano. Você virá a compreender, desejamos, que para além da necessária rigidez quanto às questões que envolvem a metodologia e a correção da linguagem acadêmica, há espaço-tempos permeados pela paixão dos encontros com o não visto, com o desconhecido em nós e na outra pessoa, com a palavra e sua magia como nos convence a frase de Margueritte, aquela longeva senhora do filme “Minhas Tardes com Margueritte” ao fazer o faz-tudo e simplório Germain, com quem explora textos de Albert Camus, ver beleza até na leitura de um dicionário, afirmando que: “viajando com um dicionário, de palavra em palavra, a gente vai sonhando”.

Sim. Nosso convite é também um desafio. Queremos que você se deixe levar pelas mãos desconhecidas de quem escreve, que possa conhecê-las, ou pelo menos até aquelas cenas que você nem sabia que eram possíveis. Desejamos a você muitas palavras-pontes, e que elas balancem o conhecimento pela inquietude dos questionamentos que movem a academia.

Que os textos aqui reunidos sirvam como pontes, marcos de passagem, lembrando-nos que a leitura é sempre movimento – esse fluir entre vozes, ir e vir de significados, atravessar umbrais como uma ação poderosa que nunca se faz sozinha. Então, está feito o convite: venha conosco fazer e admirar pontes para um outro mundo possível!

Felipe Gustsack
Ângela Fronckowiak
Gislaine Marins

Santa Cruz do Sul, inverno de 2025.